

Analistas defendem redução da dívida

VALOR ECONÔMICO

16 JUL 2004

Publica

Sergio Lamucci

De São Paulo

O caminho para o Brasil atingir o crescimento sustentado passa pela perseverança no esforço fiscal e por uma série de reformas que diminuam incertezas jurídicas e regulatórias no país, tornando mais favorável o ambiente para o investimento. Economistas ortodoxos, como o ex-presidente do Banco Central Afonso Celso Pastore, o presidente do Ibmecc, Cláudio Haddad, e o ex-diretor do BC Sérgio Werlang, defenderam ontem essas idéias, num seminário que discutiu também a experiência de outros países emergentes — Argentina, Turquia e Venezuela, que enfrentam problemas muitas vezes similares aos brasileiros.

Pastore apontou o tamanho da dívida do setor público brasileiro, de 56% a 57% do PIB, e sua exposição cambial ainda elevada como obstáculos a um crescimento sustentado. Manter os superávits primários e se empenhar na redução da dívida cambial são fundamentais para diminuir a vulnerabilidade, afirmou Pastore. Haddad também frisou a importância de atacar esse ponto, defendendo que o governo não mais se endivida em moeda estrangeira, tomando empréstimos em dólar apenas de instituições multilaterais como o FMI. Ele disse, por exemplo, que o BC deve reduzir a zero a parcela da dívida doméstica atrelada ao câmbio. Werlang afirmou que o tamanho da dívida pública brasileira é o grande problema a ser enfrentado, defendendo o aumento do superávit primário para reduzi-la mais rapidamente.

Pastore também foi enfático ao defender medidas que ponham fim às incertezas regulatórias e jurídicas. Para ele, o ambiente de indefinição ajuda a explicar o volume baixo de

investimentos estrangeiros diretos neste ano, que podem ficar abaixo de US\$ 10 bilhões. Num momento em que a economia global cresce com força, a economia doméstica avança e a taxa de câmbio está depreciada, era de se esperar um fluxo mais forte desses recursos. O que explica essa piora, segundo Pastore, são as incertezas regulatórias.

Os economistas participaram do seminário "A Economia Internacional e os Mercados Emergentes", promovido pela consultoria LatinSource (da qual Pastore é representante no Brasil) e pela Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F).

A necessidade de reformas estruturais também foi apontada como fundamental para garantir o crescimento de outros emergentes. Foi o que fizeram economistas de outros países que estiveram no evento, como o argentino Luciano Laspina, da Consultoria Macrovision, e o turco Urat Mucer, da EuroSource, que trabalhou no FMI. Para assegurar um trajetória sustentável de crescimento, a perseverança no ajuste fiscal e em reformas que reduzam incertezas foram mencionadas como cruciais pelos dois analistas.

A ex-presidente do BC da Venezuela, Ruth de Krivoy, traçou um quadro pouco animador sobre a Venezuela, criticando fortemente o caminho escolhido pelo presidente Hugo Chávez, marcado pelo populismo, intervenção na economia e desrespeito aos contratos. O ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, que foi o moderador de um dos painéis, disse que é importante para os brasileiros acompanharem o que se passou na Venezuela e na Argentina. É uma maneira, segundo ele, de evitar esse tipo de trajetória, que provocou problemas econômicos, políticos e sociais. Fraga não falou com a imprensa.